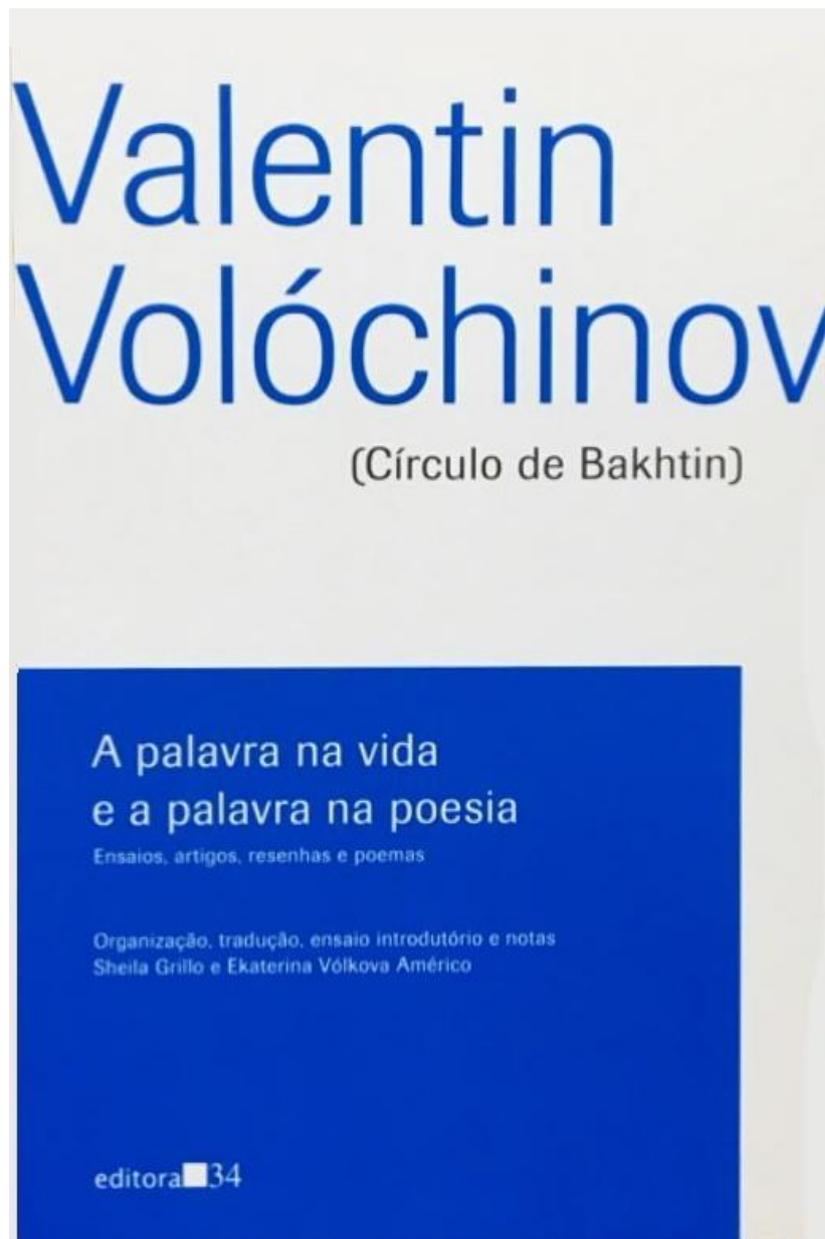


VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, 400 p.*

*Heber de Oliveira Costa e Silva**



* Doutor em Letras/Linguística e tradutor pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9090-3155>; heber1979@gmail.com

Os pesquisadores da área do dialogismo estão familiarizados com alguns dos textos reunidos em *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas (2019), mas o contato com esses textos no Brasil sempre foi fragmentário e indireto. O artigo que dá título à obra, por exemplo, circula há um bom tempo numa tradução feita (a partir da versão em inglês de I. R. Titunik) por Faraco e Tezza sob o título *O discurso na vida e o discurso na arte* (sobre poética sociológica), nunca de fato publicada¹. Outro texto circulou bastante na versão em espanhol — *¿Que es el lenguaje?* — publicada na coletânea *Bajtín y Vigotski*, organizada por Silvestri e Blanck (1993). Um terceiro artigo, intitulado na nova edição de *A construção do enunciado*, também teve uma tradução para fins didáticos, provavelmente do francês, feita por Ana Vaz, sob o título de *Estrutura do enunciado*. Há também uma coletânea que inclui vários desses textos: *A construção da enunciação e outros ensaios* (2013), organizada por Geraldini, com traduções dele e de outros tradutores a partir do italiano, inglês e espanhol.

Esses esforços sem dúvida ajudaram os estudiosos brasileiros a apreender as ideias de Volóchinov, mas o autor há muito merecia um tratamento mais integral e homogêneo. Um primeiro grande passo foi a tradução direta do russo de *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL, 2018 [2017]), das tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Em 2019, chega este outro trabalho exaustivo de tradução direta, fruto de pesquisas *in loco*, em São Petersburgo, usando arquivos do então Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV), onde Volóchinov fez pesquisas e ministrou aulas. No ensaio introdutório, farto em referências e documentos, as tradutoras destacam que, nessa primeira fase da produção bibliográfica de Volóchinov, encontramos elementos [...] que estarão presentes em seus trabalhos futuros” (2019, p.9). O primeiro é a “rejeição à psicologização”, o que nos leva ao texto inicial da coletânea.

¹ Nota das editoras: Há ainda uma publicação deste mesmo ensaio como Apêndice em *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*, da Pedro & João Editores (2011). Trata-se de um fragmento de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico, a Parte III – Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (uma experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos) (Volóchinov, 2017). Os editores juntaram a esse fragmento o Apêndice: A palavra na vida e na poesia. Introdução aos problemas da poética sociológica. A autoria é ambígua: Valentin Volochínov (1926); (M. M. Bakhtin); e não há informações sobre a tradução deste ensaio, apenas uma informação geral, na página de rosto, de que a “organização [da obra está] aos cuidados de Valdemir Miotello e uma lista dos componentes da Equipe de tradução e revisão.

Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925) traz grande parte do que viria a ser publicado no livro *O freudismo: esboço crítico* (1927). Uma diferença é que o livro tem um capítulo de “crítica às apologias marxistas ao freudismo”, onde o autor questiona as ideias de B. Bikhovski, A. Luria, B. Fridman e A. Zalkind. No ensaio, Volóchinov começa ressaltando o caráter de “filosofia biológica” do freudismo e questiona o foco em processos orgânicos. Embora admita que haja “alguns fatos irrefutáveis do ponto de vista científico e algumas observações empíricas” na base do freudismo, Volóchinov entende que isso “se dissolve no mar da filosofice subjetiva” (2019, p.64). Vale destacar que existe certa dualidade na abordagem de Volóchinov: ao mesmo tempo que critica a pretensão biologizante e cientificista de Freud, ele fala na busca por uma psicologia marxista de base científica (objetiva, mas não abstrata) — daí que, entre os raros elogios a Freud, destaque “os méritos científicos” da pesquisa sobre pulsões (2019, p.70).

Nesse ensaio de 1925, Volóchinov faz uma ampla exposição das teses de Freud, enquadrando-o na tradição da psicologia subjetiva, e concentra esforços na crítica ao conceito de inconsciente freudiano, contestando a separação da consciência, o que lançaria o inconsciente para o campo do não verbal. Isso iria de encontro à visão do homem material/integral; e a individualização (vista como fruto da filosofia burguesa) seria incompatível com a visão fundamentalmente social do marxismo. Volóchinov, então, conclui que há uma tendência de “opor a história social ao organismo biológico psicologizado, tomado como um macrocosmo associal autossuficiente” (2019, p.96-97). Acima de tudo, ele se opõe a qualquer abordagem isolacional ou não materialista da ideologia. Para o autor (2019, p.103), “a construção ideológica é, antes de tudo, social”.

O tradutor Paulo Bezerra (2007, p.XV) entende que, na discussão de Volóchinov sobre o freudismo, há “o endosso à tese marxista da origem social do psiquismo”, lembrando também que, à época, o pensamento soviético condicionava todo comportamento social do homem “exclusivamente à estrutura de classe” (p.XI). Grillo (2017, p.72) também entende que a posição de Volóchinov contra a teoria freudiana parece condicionada pelo “dogmatismo institucional” e hegemonia inquestionável do marxismo nos anos 1920 na URSS, argumentando que “há afinidades entre essas duas teorias” e que a concepção socioideológica da consciência de Volóchinov poderia se enriquecer com a visão de Freud sobre inconsciente, apresentando, para tanto, vários caminhos dentro dos estudos marxistas.

O artigo que dá título à obra aqui resenhada, *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), reflete o fato de que, no Instituto onde Volóchinov trabalhava, “os conceitos e a metodologia de pesquisa abordam de modo integrado tanto a língua quanto a literatura” (GRILLO; AMÉRICO, 2019, p.21). Ao comentar esse texto, Geraldi (2013, p.19) ressalta que a proposta é de que “a compreensão do modo de funcionamento da linguagem fora da arte é fundamental para compreender seu funcionamento artístico”. De fato, Volóchinov se propõe a abordar a poética teórica e começa questionando a análise intrínseca da arte, alheia à abordagem sociológica — “a arte é imanentemente social”, diz ele (2019, p.13). Volóchinov pretende desenvolver um método que abarque a totalidade da arte, daí que condene o que chama de “opiniões errôneas” na abordagem artística: a fetichização (obra de arte isolada) e o estudo do psiquismo (foco no criador ou contemplador), cujo defeito seria tentar “encontrar o todo na parte” (2019, p.115). Claramente, essas duas correntes (fetichização/psiquismo) podem ser relacionadas com as perspectivas idealistas e abstratas já mencionadas anteriormente em *Do outro lado do social* e que seriam discutidas em *MFL*, em especial nos capítulos 6 e 7, cujo conteúdo guarda semelhanças com o artigo *A palavra na vida e a palavra na poesia*.

Um ponto de destaque no texto, e que revela consonância entre Volóchinov e Bakhtin, é a importância dada à entonação. Volóchinov vê a entonação como a “mais pura expressão” da avaliação, pois nela “a palavra entra em contato direto com a vida” (2019, p.123). Já Bakhtin (2010, p.289) define a entonação como a relação emocionalmente valorativa do falante com o sentido do seu enunciado. Mas o mais relevante aqui talvez seja a visão de Volóchinov (2019, p.129) de que a entonação bombeia “energia da situação cotidiana para a palavra, atribuindo ao todo linguisticamente estável um movimento histórico vivo e um caráter irrepitível”. Não à toa, no fim do ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia*, Volóchinov leva esses conceitos de volta para a obra de arte, discutindo ainda o estilo e o caráter social da obra, no que é possível enxergar sua proposta para uma abordagem sociológica da estrutura artística da poesia.

O ensaio *As mais novas correntes do pensamento linguístico do Ocidente* (1928), por sua vez, é uma versão resumida dos primeiros capítulos de *MFL*. Não estão presentes, por exemplo, a parte sobre *tema e significação* nem a discussão sobre as formas de transmissão do discurso do outro. Vemos aqui um Volóchinov expondo seu conhecimento

científico, imerso em seu tempo, engajado e até contundente por vezes. Destacam-se as várias citações a Medviédev, revelando a sintonia entre os dois autores. Nesses escritos ele novamente aborda o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Não cabe aqui detalhar o que provavelmente é o material mais conhecido do autor, mas deixamos aqui como proposta de pesquisa um cotejo entre o texto de 1928 (na tradução de 2019) e a versão publicada em *MFL* em 1929 (na tradução de 2017). Há diferenças já registradas. Geraldi (2013, p.19), por exemplo, destaca que, no ensaio de 1928, o objetivismo “é apresentado como uma perspectiva liderada por Bally, aparecendo Saussure entre os linguistas desta corrente, o que vai ser alterado no livro do ano seguinte”.

Estilística do discurso literário (1930) é um ensaio em três partes — O que é linguagem/língua?, A construção do enunciado e A palavra e sua função social —, publicado na revista russa *Estudos da literatura: revista para autoformação*, voltada para instruir escritores iniciantes das camadas populares. A interlocução com esse auditório fica nítida no tom extremamente didático, no estilo claro e nos conceitos básicos apresentados. No primeiro texto, Volóchinov apresenta a origem da linguagem segundo a teoria jafética, de Nikolai Marr, amplamente aceita na URSS e que embasa uma visão social da linguagem. Durante a parte inicial de O que é linguagem/língua?, Volóchinov parece tomar a teoria jafética como algo dado, pois não apresenta ao leitor as comprovações ou os estudos que a embasam; aliás, ele próprio a apresenta como “a suposição do acadêmico N. Marr”. Ele também introduz a noção fundamental de *ideologia* como “conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra [...] ou em alguma outra forma sígnica” (2019, p.243), ou seja, tal como usou em *MFL*. Por fim, fala sobre o *discurso interior* (o que remete ao psiquismo tal como visto no texto sobre *freudismo*), que é aqui apresentado de forma categórica como algo que determina o discurso artístico exterior (portanto, a criatividade). Pode-se dizer que a ideia central de O que é linguagem/língua? é que toda palavra emerge da vida e, ao mesmo tempo, refrata a vida sob a ótica da ideologia.

A construção do enunciado traz de início as noções da língua viva e do enunciado como “uma gota no fluxo da comunicação discursiva” (2019, p.267). Conceitos cruciais, como *auditório*, *compreensão responsiva* e *ponto de vista*, também estão presentes. O *sentido* ganha bastante espaço, mas a *significação* é apenas mencionada. Autores como

Cereja (2008) e Faraco (2006) consideram a questão da significação uma das maiores dificuldades da obra de Volóchinov. Claro que o objetivo de Volóchinov é superar uma semântica imanente à língua, mas faz falta a distinção sobre *tema/sentido* e *significação* que aparece em *MFL*. Ele conclui ressaltando a natureza social do enunciado, destacando o papel da situação extraverbal e do auditório como condicionantes da estilística.

O terceiro texto é o que mais revela da visão política de Volóchinov. A discussão principal gira em torno da ideologia de classe e da palavra como signo ideológico, onde se dá a luta de classes. Expressões como “sabotador” e “pântano das opiniões e do cotidiano ultrapassados” o situam no contexto pós-revolucionário dos anos 1930. Chama a atenção a ideia de que o *ponto de vista* subjetivo do proletariado se aproxima da “lógica objetiva da realidade” e “coincide de modo mais completo com a significação objetual e objetiva da palavra” (2019, p.318). Essas assertivas, pouco embasadas, não parecem presentes em outros textos. Isso pode ser relacionado com a opinião de Volóchinov (2019, p.320) de que haveria uma tendência reacionária do signo, traduzida na aspiração da classe dominante de eternizar a palavra, cuja dialeticidade interna só se revelaria em épocas de crise social ou revolução. Esse viés mais marxista é muitas vezes apontado como uma diferença entre Volóchinov e Bakhtin. Vale lembrar, porém, que Sériot (2010, p.54-56) mostra que já houve discussão sobre *MFL* ser ou não uma obra marxista, trazendo argumentos de autores dos dois lados.

Vê-se que os ensaios da coletânea *A palavra na vida e a palavra na poesia* são permeados por um tema comum: a crítica ao subjetivismo individualista e ao objetivismo abstrato — correntes de pensamento rejeitadas por Volóchinov e que ele se propõe a *sintetizar* em *MFL*. Para Faraco (2006, p.126,129), Volóchinov não teria conseguido fazer a síntese dialética dessas correntes, pois, sendo filiado à tradição de Humboldt (linguagem como atividade social), teria herdado as mesmas dificuldades de lidar com a estrutura da língua. Sériot (2010, p.61) também afirma que “é difícil de falar em [síntese] ‘dialética’”, pois Volóchinov “não retém *nada*” de Saussure, destacando o contexto de antipositivismo comum entre autores russos do início do século XX. Para Sériot (p.61), *MFL* é marcado pela recusa: recusa de Saussure (abstração) e de Freud (inconsciente).

Por outro lado, ao rejeitar as correntes objetivistas e subjetivistas, Volóchinov propôs um caminho diferente e inegavelmente prolífico: uma síntese dialética entre *idealismo humboldtiano* e o *materialismo histórico*, uma vez que ele enxergava “a

consciência materializada em signos e objetificada em sistemas ideológicos particulares”, sendo “por um lado, uma parte da existência, [...] e, por outro, capaz de influenciar, de transformar a existência material” (GRILLO, 2017, p.60). Em suma, retomando as palavras de Sériot (2010, p.62), a ousada síntese do autor russo representaria, na realidade, uma “leitura materialista do idealismo”.

Os artigos e resenhas de musicologia que completam o livro trazem mais de Volóchinov ao leitor. E não só seu conhecimento de outras áreas e de arte. Por exemplo, Grillo e Américo (2019, p.9-10) apontam como o termo *arquitetônica* já aparece no artigo sobre Beethoven para falar da estrutura da obra musical; ou seja, o método de análise e as noções introduzidas trazem elementos teóricos desenvolvidos posteriormente.

Por fim, não se pode deixar de exaltar o grau de esmero da edição. Acima de tudo, o ensaio introdutório, muitíssimo bem documentado, dá ao autor russo uma concretude talvez jamais registrada no Brasil. O texto traduzido, bem polido e revisado quase à perfeição, reflete as diferenças de estilo do russo, revelando um Volóchinov autoral e versátil; as notas são abundantes e informativas, sempre abrindo espaço para o contraditório que existe em todo processo tradutório, nunca pretendendo ser a última palavra sobre o autor e sua obra, mas oferecendo a solidez das pesquisas para passar toda segurança ao leitor e marcar a posição das tradutoras.

Lembramos que toda tradução, direta ou indireta, é sempre uma *reenunciação*, ou seja, é sempre permeada por vozes, sempre estabelece novas relações dialógicas na cultura de chegada — portanto, não deve ser tomada como a palavra do autor *ipsis litteris*, mas como um *ponto de vista*. As traduções anteriores (do italiano, do espanhol, do inglês, do francês) foram perspectivas que nos permitiram apreender e entrever as ideias de Volóchinov. Assim, esta nova tradução do russo traz também um ponto de vista para compreendermos a obra de Volóchinov, mas um ponto de vista inédito, diferenciado, solidamente embasado e mais próximo do autor. Não seria exagero dizer que o trabalho de Grillo e Américo nos oferece um prisma para que finalmente possamos ver com mais nitidez não só o autor Volóchinov, mas o homem material e histórico.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.261-306.
- CEREJA, W. Significação e tema. *In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.201-220.
- FARACO, C. Voloshinov: um coração humboldtiano?. *In: FARACO, C. TEZZA, C. CASTRO, G. (Orgs.). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p.125-132.
- GERALDI, J. W. Introdução: o mundo não nos é dado, mas construído. *In: VOLOCHÍNOV, V. A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.7-27.
- GRILLO, S. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 12, n. 3, p.54-75, 2017. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/32107/23565> Acesso em 15 de maio, 2020.
- GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. *In: VOLOCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de S. Grillo e E. V. Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p.7-56.
- SÉRIOT, P. Préface. *In: VOLOŠINOV, V. Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Édition bilingue traduite par Patrick Sériot et Inna Tylkowska-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010. p.13-109.

Recebido em 01/04/2020

Aprovado em 30/01/2021